Contents

Taquara Beat
Ficha Técnica
Gênesis
Bambu: Força da Terra, Som do Povo
Ritmos e Sons que Ecoam da Taquara
A Resistência do Bambu e a Resiliência do Povo
Da Floresta para o Futuro
Etimologia
Perguntas Frequentes
About The Author
Books By This Author

Taquara Beat

Um Manifesto

Ficha Técnica

Título Principal

Taquara Beat

Subtítulo

Um Manifesto

Autor

Bertolino Amarante dos Anjos

Gênero Principal

Ensaio / Crítica Cultural

Categoria

Artes e Fotografia (Crítica de Arte)

Música (Teoria Musical)

Ciências Sociais (Estudos Culturais)

Público-Alvo

Adultos. Leitores interessados em movimentos de vanguarda, crítica cultural, música brasileira, sustentabilidade e identidade nacional.

Formato

E-book (Digital)

Idioma

Português do Brasil (PT-BR)

Ano de Publicação

2026

Gênesis

Aqui e agora nasce um movimento que ecoa os bambuzais das terras brasileiras, batizado de ***Taquara Beat***. Em um país com múltiplas raízes e ritmos, esse novo movimento surge para ser a voz do século XXI: um grito de resistência democrática que reverbera de norte a sul, nos becos e ruas de tantas cidades e interiores. Assim como o mangue nos ensinou sobre raízes profundas, sobre a força que vem do lodo e da lama, o bambu nos ensina sobre resiliência, adaptabilidade e eficiência.

Vamos fazer ressoar as touceiras de bambus de norte a sul do Brasil, de leste à oeste. Vamos ecoar os bambus no norte do Amazonas, mas também nos bairros abastados das capitais, aos mais longínquos rincões e pampas. Aos baianos, sertanejos, fluminenses, capixabas e mineiros. Nós, que vivemos no

subúrbio e no subsolo, saiamos de nossas casas e apartamentos a procura de ressoar o bambu mais próximo, afim de transmitir conhecimento e a força popular em busca de mudanças e de um mundo melhor, mais reciclável, justo e democrático.

Bambu: Força da Terra, Som do Povo

O bambu, que brota abundante, lembra o povo brasileiro: forte, flexível, capaz de resistir às mais duras tempestades e sempre se levantar. Ele não é apenas uma planta. O bambu é o símbolo do Taquara Beat, de sua simplicidade robusta, do seu poder de adaptação. É o material de que se faz a percussão do movimento — tambores, maracás, agogôs e outros instrumentos de som grave e pulsante, criados a partir de sua estrutura. Em sua simplicidade, o bambu é como o nosso povo: criativo, comunitário e conectado com a natureza ao redor.

Ritmos e Sons que Ecoam da Taquara

O Taquara Beat vai além da percussão. Nos bambuzais, cada taquara é uma antena natural, captando o som do vento, o eco da natureza. Das flautas e pífanos feitos de bambu brota o sopro da mata, o assobio do vento, o canto dos pássaros. Em cada toque, seja no ritmo forte da batida ou na leveza do sopro, está a comunicação com o espírito das florestas e rios, a essência do Brasil. Como antenas parabólicas dos sertões, o bambu capta e amplifica as vozes das nossas raízes e histórias.

A Resistência do Bambu e a Resiliência do Povo

Como o caranguejo do mangue, que se adapta à lama e sobrevive ao fluxo das marés, o bambu cresce em qualquer lugar. Nos morros, nas planícies, em solos secos ou molhados. Ele se adapta e resiste, assim como o nosso povo. Não importa a pressão, ele se dobra, mas não se parte. E, assim, o Taquara Beat é um movimento de resistência e identidade. É uma reconexão com os ritmos que nascem na simplicidade, mas que carregam toda nossa história de sofrimento e revolta como povo

brasileiro, artistas ou não.

Da Floresta para o Futuro

Na sua essência ecológica, o bambu é reciclável e renovável, ensinando um ciclo de respeito à terra, ao povo e à cultura. O *Taquara Beat* propõe um som novo, sustentável, que se reinventa e se regenera, sem esquecer de suas origens. Em tempos onde tudo parece descartável, ele nos relembra o valor de se criar com as mãos e de valorizar o que a natureza nos dá, honrando a nossa história e projetando o Brasil para o futuro.

Taquara Beat é resistência, é reconexão com a terra, é som que nasce do bambuzal e se espalha, como um grito em cada canto do Brasil. Que sejamos como o bambu: flexíveis, fortes, enraizados e, dadas as condições ideais:

eternos.

Etimologia

O nome *Taquara Beat* é uma homenagem direta ao legado deixado pelo *Manguebeat*, movimento cultural pernambucano dos anos 1990, criado por Chico Science e a banda Nação Zumbi. Inspirados pela forma como o *Manguebeat* explorava o mangue como metáfora para falar da cultura e da resistência nordestina, o *Taquara Beat* busca nos bambuzais brasileiros um símbolo da força, flexibilidade e resiliência presentes na cultura brasileira.

Assim como o *Manguebeat* usava a imagem dos caranguejos e das antenas parabólicas do manguezal para transmitir a mistura entre o tradicional e o moderno, o *Taquara Beat* se volta para a "taquara" — nome dado ao bambu nativo pelos povos originários e populações locais. A escolha do bambu e da

taquara como símbolo ecoa a ideia de um Brasil que sabe se adaptar às suas realidades e que sempre renasce, refletindo a essência da música e do ritmo que brotam das raízes de nossa própria terra.

Ao trazer o "Beat" para o nome, o *Taquara Beat* se inspira na ideia de batida e pulsação que o *Manguebeat* defendia — uma fusão entre a cultura local e as influências globais, produzindo um som que é ao mesmo tempo ancestral e contemporâneo. No *Taquara Beat*, a taquara e o bambu representam a reconexão com o território e o desejo de criar uma nova sonoridade que ressoe com as paisagens, culturas e sons brasileiros, tal como Chico Science & Nação Zumbi fizeram ao buscar o ritmo do mangue para fazer uma declaração musical sobre o Brasil.

Perguntas Frequentes

É natural que um movimento como o Taquara Beat, nascido do desejo de expressão com elementos do nosso território, desperte questionamentos e críticas. Vamos às principais delas, buscando responder com a mesma energia com que crescemos e reverberamos nossos ritmos, tal como o tropicalismo e o manifesto antropófago, que beberam das influências estrangeiras para recriar, transformar e fortalecer o que temos de mais autêntico e nacional.

“Por que criar mais um movimento musical? Não

precisamos de tantos estilos.”

Essa pergunta surge, talvez, por uma visão limitada de movimento cultural como algo estático e restrito. Mas o Taquara Beat vem justamente para mostrar que o som, a cultura e a arte são sempre pulsantes e se renovam. Assim como o tropicalismo questionou as fronteiras e a arte de sua época, o Taquara Beat não é só uma vertente de ritmo ou estilo musical; ele é uma forma de criar, de manifestar o Brasil. Somos inspirados pelo antropofagismo cultural, que devora as influências externas e, ao processá-las, regurgita uma expressão genuinamente nossa. Ao criar um movimento com materiais e símbolos brasileiros, como o bambu, estamos afirmando nosso valor único e inimitável.

“O que faz do bambu algo realmente relevante na música e na cultura?”

Assim como o pau-brasil se tornou símbolo no nosso hino, o bambu é a matéria-prima abundante que representa a natureza e a

adaptabilidade brasileira. O bambu é resistente, renasce fácil, cresce com rapidez — como o brasileiro que, mesmo em tempos difíceis, nunca para de criar e de se reinventar. A escolha do bambu para criar nossos instrumentos de percussão e sopro é um ato simbólico e prático: ele representa o espírito do Taquara Beat, que une simplicidade, resiliência e profunda conexão com a natureza. Através dele, criamos nossos próprios sons, que têm a textura do Brasil, e, como no manifesto antropofágico, transformamos o que é nosso em algo que o mundo inteiro pode ouvir.

“Por que não usar influências modernas e equipamentos sofisticados?”

O Taquara Beat não é um movimento contra a tecnologia, mas uma proposta de reaprendizado com nossas raízes. No espírito antropofágico, não rejeitamos o novo, mas ao usarmos o bambu e os elementos naturais, fazemos um retorno à simplicidade que também é avanço, na medida em que se

propõe sustentável, autossuficiente e acessível. O bambu nos convida a um som orgânico, ecoando o passado e ao mesmo tempo propondo um futuro em que a arte e a ecologia andam juntas. Afinal, o futuro se faz não só de máquinas e inteligências artificiais, mas de resgates criativos e responsáveis.

“Isso não seria um retrocesso em relação aos ritmos modernos e globais?”

O Taquara Beat se inspira nos movimentos que vieram antes de nós e em nossa cultura rica em diversidade. Mas é justamente esse olhar voltado para o que é nosso que abre as portas para o novo. O bambu, os instrumentos simples, a percussão e o sopro são pontos de partida, não limites. Assim como o tropicalismo quebrou as amarras da bossa nova e misturou samba, rock e música clássica, o Taquara Beat traz novas possibilidades de som, combinando eletrônica e bambu, sintetizadores e tambores, onde o bambuzal é o palco e a fonte de inspiração. Não se trata de um retrocesso, mas de um

avanço enraizado no que temos de mais autêntico.

“Mas por que toda essa ênfase na ‘brasilidade’ e no nacionalismo cultural?”

Num mundo onde as culturas se misturam, não há nada de errado em celebrarmos o que nos é próprio. Como os movimentos de vanguarda, o Taquara Beat reconhece o valor das influências globais, mas afirma o que nos é específico e nosso. Ao criar um som único a partir de materiais como o bambu e as taquaras, estamos gerando um movimento que não é só música, mas uma forma de reafirmar a importância do Brasil para o mundo. Se o antropofagismo foi a fusão de culturas, o Taquara Beat é o retorno ao essencial, aos elementos que brotam de nosso chão, como uma afirmação de que somos plurais, sim, mas sem esquecer o que nos torna brasileiros.

About The Author

Bertolino Amarante dos Anjos

Bertolino Amarante dos Anjos é um pensador e escritor brasileiro conhecido por sua abordagem crítica e independente. Com uma trajetória marcada por uma busca constante por justiça social e soberania nacional, Bertolino combina rigor analítico com sensibilidade artística em suas obras. Sua visão humanista e secular o posiciona como uma voz singular na literatura e no debate público contemporâneo

Books By This Author

Um Antropólogo no Brasil paralelo

Por que milhares de pessoas decidiram que o mundo concreto não era mais suficiente? O que leva indivíduos plenamente funcionais a buscarem respostas em sinais luminosos no céu, em totens industriais de borracha ou no para-brisa de um caminhão em movimento?

Em "Um Antropólogo no Brasil Paralelo", o Dr. Bertolino Amarante dos Anjos abandona o escárnio fácil e as narrativas partidárias para realizar uma autópsia sem precedentes da alma brasileira contemporânea. Utilizando o rigor do Naturalismo Clínico, Bertolino mergulha nos acampamentos, nos grupos de mensagens e nas mesas de jantar fragmentadas para decifrar a nova arquitetura da mente humana na era digital.

Este não é um livro de opinião política. É um tratado científico sobre o Sequestro Dopaminérgico e a Migração Cognitiva Voluntária. É uma investigação sobre como o cérebro humano, acuado por uma complexidade que não consegue mais processar, prefere o conforto de um delírio coordenado ao caos de uma verdade não filtrada.

O que você encontrará nesta obra:

A Farmacologia da Atenção: Como os algoritmos operam uma mutação sináptica, transformando a indignação no principal analgésico da classe média.

O Totemismo Industrial: Uma análise antropológica profunda sobre o rito de adoração ao pneu e a busca por âncoras de realidade em objetos inanimados.

A Ataxia Familiar: O diagnóstico da ruptura dos laços de sangue em favor de uma irmandade artificial de avatares.

A Estética da Tosquidão: Por que a precariedade visual tornou-se o maior certificado de autenticidade para o indivíduo reativo.

Indispensável para psicólogos, sociólogos, curiosos e para todos aqueles que ainda tentam entender: como chegamos até aqui?

Se eu fosse Presidente

Se Eu Fosse Presidente...

O Brasil precisa de um projeto ousado. Um plano que vá além das promessas vazias e reformas superficiais. Se Eu Fosse Presidente... não é apenas um livro — é um manifesto para um novo país, uma visão radical e pragmática para transformar a economia, a infraestrutura, o campo e a indústria nacional com inteligência e soberania.

Nesta obra, são apresentadas propostas concretas e revolucionárias, baseadas em experiências internacionais de sucesso e adaptadas à realidade brasileira. Do fim do poder absoluto dos grandes latifundiários à criação de um sistema produtivo verdadeiramente nacional, cada capítulo detalha como o Brasil pode se tornar uma potência autossuficiente e independente de influências externas.

Anistia

Alguns clamam por perdão. Outros exigem justiça. Mas há quem prefira fazer justiça com as próprias mãos.

Um ex-oficial militar acorda em sua casa no interior. Portas trancadas. Arma desaparecida. Três estranhos o observam. Mas aquilo não é um assalto — quem dera fosse.

A anistia, que prometia segurança e esquecimento, só trouxe mais silêncio. E agora, o silêncio e a vingança batem à porta do Coronel José Botelho.

Neste conto sombrio e arrebatador, Bertolino Amarante dos Anjos entrega uma narrativa brutal que confronta os limites da lei, da memória e da moral.

Mas e se a justiça que chega tarde... não vier de um tribunal?

Anistia: A Justiça Tardia é um conto de terror político denso e hipnotizante, onde a vingança se disfarça de justiça, e o horror não nasce de monstros — mas da própria realidade brasileira.